

Letrário**editora*

Personagens dos Meus Dias

Ngoi Salucombo

Agosto 2008



personagens dos meus dias faz parte de um grupo de textos que escrevo sobre pessoas com as quais me cruzo nas ruas, nos corredores, nas repartições públicas, nos mercados, nos *kombas*, nas patuscadas etc. de uma Luanda cada vez mais pequena para todos nós.

personagens dos meus dias I

olhos rasgados, cabelo apanhado, lábios perfeitos, cara meio tímida e tem a pele acastanhada, menina linda com que de segunda a sexta me cruzo na caminhada para o trabalho.

na tentativa em vão de sacar-lhe o nome, resolvi dar-lhe um do meu agrado. Lolita, assim passei a chamar-lhe em voz silenciosa ou como sempre faço ao cruzarmo-nos num gesto mudo digo-lhe “bom dia Lolita”, ao que ela responde com a maior das indiferenças!!!

tentei sentir-lhe o cheiro, mas a velocidade relâmpago com que nos cruzamos apenas dá-me tempo para observar-lhe os movimentos a partir do canto esquerdo da lente dos meus óculos escuros. dava algumas coisas para ter a certeza que cheira a palmolive naturals com leite de amêndoas e que faz depilação completa.

é, Lolita, a menina de sobrancelhas finas que me faz sorrir naqueles dias em que ao me levantar só me apetece é deitar, é aquele sorriso que muito gostaria que a mim fosse dirigido, que transforma aquele instante em que nos cruzamos de cima para baixo no momento mais *in* da minha manhã.

passaram-se alguns dias em que não me cruzei com a personagem principal das primeiras horas da minha manhã, e isto incomodava-me bastante, ao ponto de hoje ao aperceber-me de que ela vinha subindo tive a ousadia e o atrevimento de perguntar-lhe:

“então, por onde tens andando?”

nota:

e porque todas as personagens tem direito à sua banda sonora, Lolita não seria excepção.

Música: I Can't Be With You

Álbum: Everybody Else Is Doing It, So Why Can't We?

Banda: The Cranberries

personagens dos meus dias II

Bateu à porta com a inquietação como fronteira entre o receio e a esperança. Não se importou de que os últimos olhares curiosos à luz dos restos do crepúsculo se dirigissem para si, estranhando a visita, ou talvez não, porque muita gente já teria com certeza ouvido e contado tão improvável amor.

Foi recebido com pouca surpresa, bem menos do que imaginara. Helena mexeu-se na cadeira, inquieta, enquanto ele caminhava em direção à cozinha, mal iluminada pela luz minúscula da lamparina, que tinha a torcida, acabada de acender, reduzida ao mínimo. Para a cega eram iguais os dias e as noites, e a mãe sabia também os cantos da casa palmo a palmo sem precisar de luz ou de olhos abertos, pelo que poupava no petróleo o mais que podia. Distraíra-se, no entanto, ao recebê-lo com tão vaga claridade e, por isso, pediu desculpa e deu um pouco mais na torcida.

– Ainda está praticamente de dia. – Disse António, apenas para mostrar que nada havia a ser desculpado. Porque a verdade era que a penumbra lá de fora pouco tinha já de semelhante à luz do dia. E a lamparina nada acrescentara ainda às sombras da noite que chegava, a não ser o pequeno clarão amarelado que iluminava pouco mais do que a si mesmo.

Estava resolvida a dificuldade de começar a conversa. Cumprimentou Helena com um simples “olá”, a que ela correspondeu, envergonhada, dizendo “olá, António”. Seguiu-se um silêncio que seria tanto mais embaraçoso quanto mais se prolongasse. Estranhava que Elvira não lhe perguntasse o que vinha fazer. Com certeza já sabia...

No prato de Helena havia duas batatas cortadas ao meio, no de Elvira nenhuma.

– Quando dei por mim, só tinha quatro batatinhas em casa. A gente amanha-se assim mesmo. – Deu sinal a António para que não fizesse comentários, e convidou por delicadeza: – És servido?

Aquela mulher era muito diferente do seu retrato falado.

personagens dos meus dias III

assim que abri a porta, entrou-me aquele cheiro desagradável bem característico desse tipo de lugar.

na cave, ao fundo, a paisagem igualava-se àquela que se vê em muitas partes do mundo, uma fila enorme de pessoas sentadas, aguardavam pela sua vez. sentei-me, abri o livro e aguardei a minha vez.

...

aguarda aqui, vou buscar as coisas de que necessito. disse-me ela.

...

“comeste alguma coisa hoje?”

hummm...

se estás a pensar muito, é porque vais mentir. não mintas.”

“não, estou a pensar para ver se me lembro!!!

só tomei um copo de leite.”

“está bem. o soro vai ajudar a melhorar a tua fraqueza.

deita-te, se não fosse pela tua idade, ainda podias ficar sentado.

está a doer?”

“não.”

“se estiver avisa-me. não faças movimentos com este braço.”

“está bem.”

“vou picar-te no dedo para tirar sangue para as análises.”

“o.k., não faz mal.”

“a dor é enorme, mas é rápido.”

silêncio

“é verdade, eu não suporto esta dor.

é boa a táctica da dor enorme...”

“ai, não doeu?

hummm...

então posso voltar a picar?”

silêncio

“a tua pele é dura.”

“agora já doeu um pouquinho.”

“já está, qualquer coisa chama por mim.”

naquele instante, percebi a falta que o *ipod* me iria fazer.

olhando aquelas paredes brancas e creme e a conversa entre duas vozes femininas de que não conseguia ver o rosto, nada mais podia fazer.

chamar-lhe? faltava-me o nome e o motivo para fazer-lhe regressar a mim.

contive-me a lembrar as imagens que retive daquele momento em que tivemos o nosso teta a teta. eu deitado, e ela em pé, fazendo o seu trabalho:

cabelo apanhado, pele lisa, óculos clássicos, olhos semi-inchados, voz aguda e dentes brancos e alinhados como os traços de uma passadeira para peões.

...

“hummm, hoje vais dormir aqui connosco.”

sorri

“estou a brincar.”

...

uma outra pessoa tirou-me o objecto introduzido na veia do braço pelo qual o soro descia, e com uma única frase disse-me:

“estás dispensado.”

levantei e fui.

de saída do hospital, ainda pensei. por onde anda a minha enfermeira?

nunca mais voltei a vê-la.

personagens dos meus dias IV

no outro dia, quando saia de casa, deparei-me com eles juntinhos e com passos bem sincronizados caminhavam perante a minha visão que os seguia com alguma curiosidade.

mais à frente e já na zona do ex-largo da Maianga, hoje largo do engarrafamento insuportável, pararam e posicionaram-se a meio da calçada. queimei algum tempo a observar aqueles movimentos “treinados” dos dois, enquanto o da frente mais baixo, mais novo, mais inocente e mais atento dirigia-se para as pessoas e falava qualquer coisa, o de trás mais alto, mais velho, mais vivido e mais distraído dirigia-se para as pessoas em silêncio e com o movimento do braço de baixo para cima abrindo a palma da mão logo a seguir.

sem que nada me distraísse, concentrei-me nas minhas personagens, reparando que no final do curto diálogo que mantinha ou tentava manter com as outras personagens apressadas que por ali passavam, apenas o da frente alterava a imagem da sua face.

resolvi então aproximar-me e ouvir as palavras que saíam daquela boca faminta, e sem dizer bom dia levei a mão ao bolso e entreguei-lhe parte do que lá tirei. levantei a cabeça e sem me despedir continuei a minha caminhada deixando para trás aqueles dois seres dependentes um do outro. o da frente que explora as incapacidades do outro e o da trás que explora as capacidades do outro.

o reencontro com Lolita

surgiu-me na frente do nada e sem que me desse tempo para o último expira / inspira de coragem antes de avançar até ela.

moço não tenho muito tempo. disse.

fiz o que queria mas não disse-lhe exactamente o que há muito tinha preparado para este momento! Ainda com as mãos suadas e geladas do “susto” de a ter por segundos no alcance do meu corpo, vi-lhe afastar-se sem nada fazer.

foi-se, levando entre os dedos magros e compridos a folha de papel que há muito deambulava entre as páginas do livro que agora leio.

banda sonora:

sons da baixa de Luanda entre as 7 h 58 m e as 8 h 05 m da manhã.

personagens dos meus dias V

olhos claros, lábios finos e pintados com brilhante cor de caramelo, tímida, talvez porque à entrada sua beleza despertou o olhar de muitos!!!

sentou-se, pediu a meia de leite com torrada e olhou, mas nem sequer reparou em mim ali no canto observando como eram lindos seus pés.

levantei e dirigi-me à saída, a manhã começou bem para mim.

personagens dos meus dias VI

da janela traseira do carro observava seus movimentos, ora para trás ora para a frente, na tentativa de alcançar seu objectivo. de dentro para fora e vice-versa, a diferença de temperatura era visível e o suor que corria em fileiras pela sua face provava isso mesmo.

entre a enorme fileira de carros parados, porque no rocha pinto é assim mesmo (!!!), baixei o vidro e com sua *t-shirt* branca do Hard Rock Café México City aproximou-se. de olhos claros, cheirava a suor e tinha feições muito parecidas com as do sofrimento ao mesmo tempo que descolava dos lábios um inexplicável sorriso de felicidade, talvez por notar que tinha alcançado seu objectivo ou quem sabe simplesmente pelo facto de estar vivo.

dá-me uma Sagiko, disse-lhe.

no enorme saco transparente que transportava pôs a mão e entre os pedaços de gelo, garrafas de água e latas de coca-cola lá puxou a minha Sagiko que veio acompanhada da frase:

são 80 Kz cota.

troca feita e já de vidro fechado, interroguei-me se fora realmente a sede que me fez ter aquele gesto ou se fora a vontade de olhar o sofrimento de perto por alguns segundos?

personagens dos meus dias VII

a miséria.

personagens dos meus dias VIII

ainda eram as estrelas que ocupavam o céu quando ela deu início, tímida, e com grande pressa foi caindo até às primeiras horas da manhã.

pela manhã e já com sinais de despedida, apresentava algum sinal de culpa! sim culpa, afinal foi a causadora do destapar da cidade. não que este destapar apresente às pessoas alguma novidade, o facto é que ela derruba com os esconderijos do impensável que sempre ali esteve mas as pessoas não lhe punham a vista. impensável este que todos sentiam a sua existência mas só alguns tinham o triste prazer de ver e conviver com ele a olho nu.

agora, ela já se foi deixando assim tudo no destapado.

as pessoas restabelecem-se e continuam a caminhar, o impensável desaparece e continua ali junto de todos à espera das nuvens negras que trarão de volta a mesma estória.

personagens dos meus dias IV

de olhos para baixo empurrei a porta e sem me aperceber porquê concentrei-me naquelas lindas mãos que surgiram na frente, não foi preciso muito para ter a certeza de que conhecia aquelas finas unhas pintadas em castanho claro.

era Lolita!!!

nem acredito que estás cá, disse-lhe no meu tímido silêncio.

estava linda como sempre mas um pouco mais magra.

com os olhos, perguntei-lhe onde tem andado?

ignorando o meu olhar, respondeu-me com as costas onde era possível ver as alças de seu sutiã.

faz tempo que não sabia nada dela, agora de cabelo mais curto deu para descobrir a tatuagem em borboleta que tem por detrás da orelha esquerda.

depois de aproveitar todos os momentos de sua ausente companhia, saí tal como tinha entrado, de olhos para baixo. não me despedi com receio de lhe interromper a refeição, mas ao longe e em silêncio deu para perguntar:

amanhã, deixas-me ver-te?

personagens dos meus dias V



Fim



Ngoi Salucombo, nascido a 15 de Janeiro de 1981, desistente do curso de Arquitectura, formado em *Interior Designer*, acabei sentado numa mesa escrevendo textos publicitários ou, como chamam, *copywriter*.

Desde 2005 que alimento o meu blog Attelier dos Mangueirinhas com textos e imagens que capto por aí.

arcoires@gmail.com

www.salucombojr.blogspot.com

Letrário**editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

http://www.letreiro.pt/1_pt/900/9001.htm

+ 351 21 711 20 20

letreiro@letreiro.pt